

Podem acontecer coisas espantosas—
e freqüentemente acontecem—quando os
animais jovens saem de casa para
enfrentarem a vida por conta própria

Condensado de
U. S. LADY



A Juventude Transviada da Floresta

JEAN GEORGE

UMA PANCADA na janela da minha cabana e um bater de asas levaram-me correndo até à porta a tempo de ver um jovem e amalucado galo-silvestre cambaleando no capim. Perto dêle, de pé, estava o imperecível Jimmy Mangus, montanhês, dono da cabana que eu

alugara no sopé das Montanhas de Teton, no Wyoming.

—É a estação da maluquice—disse êle, olhando a ave.—Começando agora no outono até à primavera, os animais se metem em mais encrencas do que parece possível.

Enquanto o galo-silvestre se punha

de pé e levantava vôo, recordei outras esquisitices que havia presenciado no mundo animal: um guaxinim enfiado no vão de uma janela na universidade onde estudei; uma rapôsa que meu tio tirou de uma cisterna; um morcêgo que desentoquei de um bule de chá enquanto a espôsa de meu vizinho gritava. Jimmy Mangus acenava com a cabeça enquanto eu contava estas extravagâncias.

— Isso acontece quando os animai-zinhos selvagens saem de casa— disse êle.— São como um bando de guris saindo da escola: ainda não sabem muita coisa e tendem a meter-se em encrencas.

Isto foi há uns 20 anos. Depois disso, a “estação da maluquice” de Jimmy recebeu um nome dado pelos ecologistas, cientistas que estudam a relação dos vegetais e animais com seu meio. O termo é “dispersão” e refere-se ao movimento anual de animais jovens para novos territórios. Às vêzes, essa necessidade de sair de casa, de levantar-se e pôr-se a caminho, é tão poderosa que nem a ameaça de morte pode impedi-la. Como os heróis dos contos de fadas, alguns dêsses animais adolescentes acabam fracassando, enquanto outros vencem gloriosamente. E embora seja a época mais perigosa da vida do animal, ela é, ao mesmo tempo, biològicamente necessária, pois a dispersão impede os cruzamentos consangüíneos e evita as doenças e tensões suscitadas por concentrações de população.



As aventuras dêsses animais errantes parecem mais ficção do que realidade, e alguns indivíduos conservam por tôda a vida as cicatrizes da dispersão. Há anos marquei as orelhas de uma prole de camundongos de pés brancos justamente quando se preparavam para sair de casa. No dia seguinte, um camundongo com a etiquêta “Vermelho” perambulou alguns metros além do seu ninho e inadvertidamente meteu-se na casa de uma mamangaba. Torcendo-se de dor, escorregou e caiu em um córrego próximo, e depois, subindo pela margem, lambeu-se até secar. Em seguida, tentou correr através de uma moita de ervas, achou-a densa demais, desviou-se e arremeteu por uma trilha onde aparentemente encontrou um lugar para se esconder.

Na manhã seguinte, êle apareceu em uma das muitas armadilhas que eu armara na área para ver até aonde os camundongos chegariam. Ali, a uns 200 metros da casa de sua mãe, o Vermelho tremia de medo. Quando o soltei, precipitou-se às cegas por

uma trilha de camundongos. Após um encontro ruidoso, retrocedeu às pressas, e um talho na orelha esquerda mostrou-me que êle topara com o camundongo macho dono da casa. Ainda tinha a cicatriz três meses depois, quando o peguei novamente a 45 metros dêsse primeiro local. Três outras capturas na mesma área convenceram-me de que êle afinal encontrara morada permanente.

Cada espécie se dispersa à sua maneira e na época própria. Os cangambás, por exemplo, aguardam a primavera. Durante o inverno, hibernam em grupos de família ou em vizinhanças de família (o famoso naturalista Ernest Thompson Seton encontrou até 20 cangambás em uma toca). Quando volta o calor, é comum saírem a êsmo em busca de alimento e companheiros.

A maioria dos filhotes, contudo, realiza esta aventura com certo sofrimento. Geralmente são postos para fora quando a mãe está em processo de uma segunda ninhada durante a estação (é o caso da maioria dos roedores) ou quando a época de acasalamento se aproxima novamente (como ocorre com os ursos e os veados). Nessas ocasiões, as mães se tornam verdadeiras fúrias.

Animais domésticos—na maioria das vêzes—também obedecem às leis da dispersão. Por exemplo, tenho um gatinho que é neurótico porque não conseguiu sair de casa. Sua mãe tentou alijá-lo quando estava em meio a uma prenhez de verão. Ela

fungava, vibrava patadas e rosnava ameaçadoramente quando êle se aproximava. Mas o gatinho não tinha para onde ir senão os cantos da casa e debaixo dos móveis, e por isso ainda estava com ela quando nasceram as crias de verão.

Nesse dia, a mãe modificou por completo o seu comportamento. Em vez dos arrufos, ela aconchegava e lambia o filhote mais velho, e até lhe permitia mamar. Êste tratamento de bebê confundiu-o tanto (a essa altura êle já estava a meio caminho da independência) que êle perdeu o juízo. Recusa-se a limpar-se e, neste exato momento, está embaixo do sofá, miando sem parar como um gatinho recém-nascido.

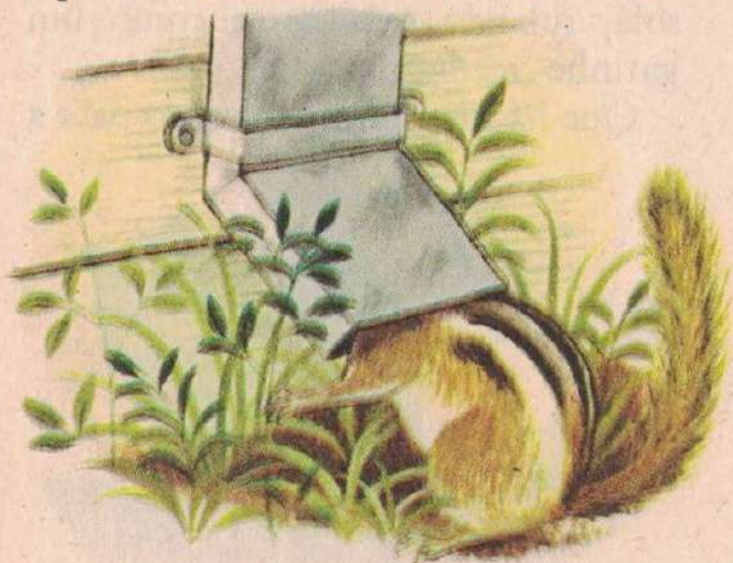
Que há um momento exato para a



dispersão é ilustrado pelo caso de um ursinho alijado cedo demais pela mãe. Depois de falhar em seus esforços para arranjar uma mãe adotiva, êle se reuniu a um grupo de jovens ursos. Mas êsses também o repeliram. Totalmente rejeitado pela sociedade dos ursos, deu para vagar pelas estradas e acampamentos, onde em breve se tornou um vira-lata apanhador de lixo e, afinal, um perigo para

as pessoas. Teve de ser apanhado em armadilha e internado uns 150 quilômetros para dentro do mato.

Embora o momento da dispersão seja muitas vezes penoso para animais jovens, nem sempre é assim. A mãe tãmia, por exemplo, permite que seus rebentos se afastem gradativamente, mas não se importa se voltarem por não conseguirem desligar-se. Eu e meus filhos observamos um drama desses em nosso bosque no verão passado. Um jovem tãmia, de aproximadamente seis semanas, estivera correndo da casa da mãe, no jardim de pedras do bosque, para o barracão das ferramentas e



vice-versa. Um dia não retornou e concluímos que encontrara afinal um novo território.

Três dias depois, entretanto, meu filho mais moço anunciou freneticamente que havia localizado o tãmiuzinho em um cano estreito, com a cabeça e o tronco entalados. Corri a ajudá-lo. Quando libertamos o bichinho, ele sentou-se, olhou rapidamente em torno e, a seguir, com os pêlos da cauda eriçados de medo,

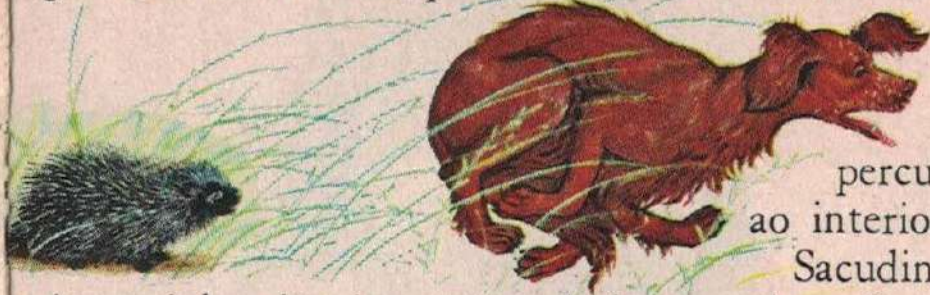
passou por cima de uma pedra, correu através do bosque e do nosso gramado, e entrou na toca da mãe. Passou-se uma semana antes que o víssemos novamente em seus próprios domínios.

Os animais solitários, como os camundongos e as tãmiãs, dispersam-se um a um, ao passo que os animais gregários—como veados, caribus, búfalos—separam-se numa base social. Olaus J. Murie, autor de *Elk of North America* (“Alce da América do Norte”), descreve como os alces machos adolescentes são expulsos pelos mais velhos durante o acasalamento. Repelidos até à orla externa do rebanho, vagam pelos morros em bando, fazendo tropelias, brincando, sondando o terreno e atentos a uma oportunidade de retornarem à manada, o que é permitido no fim da estação.

Quer os animais se desloquem apenas algumas centenas de metros através de um prado ou se espalhem através do país, podem suceder coisas incríveis durante a estação da maluquice. No ano passado, um porco-espinho novo tentou entrar em uma cidade. Depois de largar (sem motivo aparente) uns 300 espinhos no focinho de um setter premiado, foi capturado pelo pessoal do departamento de conservação da natureza. Na mesma época, dois ursinhos, andando sós, tentaram atravessar uma rodovia movimentada nas montanhas e de tal forma perturbaram o tráfego que foi preciso convocar um policial para resolver o engarrafamento.

mento. Êle deteve todos os carros até que os ursos pudessem passar para o outro lado da montanha.

Mas de tôdas as histórias sôbre dispersão de animais—trágicas, humorísticas, comoventes—a que eu gosto mais é a de um quixotesco alce.



A caminho do cinema em Jackson Hole, no Wyoming, minha cunhada

topou com um alce nôvo trotando na estrada estreita. Quando ela se acercou, alguma coisa disparou na mente do alce, e êle resolveu lutar contra o automóvel. Investiu sôbre êle. Minha cunhada deu marcha à ré. Êle investiu de nôvo. Antes que ela se desse conta do que estava acontecendo, tinha retrocedido todo o percurso até a sua casa e até ao interior da garagem.

Sacudindo a cabeça, o triunfante alce afastou-se a trote para tomar posse da fazenda dela para si.



A EQUIPE americana de pesquisas antárticas, passando o inverno no Estreito de McMurdo, se refere aos retratos de môças bonitas e pouco vestidas pregados na parede como "Recursos de Memória".

—Allyn Baum, em *Times* de Nova York



Mensagem Perfeita

DURANTE um jantar de que participavam poucas pessoas, deliciamo-nos com o espírito do escritor Francis Hackett . . . até que, perto do fim da refeição, apareceu um pingo de creme na ponta do nariz dêle, e se tornou difícil olhá-lo e ouvi-lo sem rir. Tôda vez que olhávamos, lá estava aquilo!

Finalmente a espôsa de Hackett, sentada bem em frente, não agüentou mais, levantou a mão e pediu-lhe silêncio.

—Há algum tempo—disse ela—estou procurando encontrar uma maneira de transmitir uma mensagem a você. É a seguinte: você está com creme na ponta do nariz.

O Sr. Hackett apanhou o guardanapo e calmamente limpou o rosto.

—Querida—murmurou êle—você encontrou a maneira perfeita.

—Helen Bevington, *When Found, Make a Verse of* (Simon e Schuster, ed.)